

Uma periodização para compreender as relações entre a cidade e a natureza

Wendel Henrique

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HENRIQUE, W. *O direito à natureza na cidade*. Salvador: EDUFBA, 2009. 186 p. ISBN 978-85-232-0615-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

II - UMA PERIODIZAÇÃO PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE A CIDADE E A NATUREZA

Este capítulo se configura como um esforço metodológico, a partir de uma concepção de método, que busca a sistematização de procedimentos de análise e de interpretações que dêem conta do arcabouço teórico-conceitual das relações estabelecidas ao longo da história da humanidade entre a cidade (sociedade) e natureza, do ponto de vista simbólico das representações e da própria ação social, através das técnicas, na produção do espaço e nos usos do território.

De acordo com Kosik (1976, p. 10),

no trato prático-utilitário com as coisas - em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer estas - o indivíduo 'em situação' cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade.

Como metodologia de pesquisa neste trabalho, recorreu-se a elaboração de uma periodização⁶. Santos (1997, p. 23), define um período como

secções de tempo em que, comandado por uma variável significativa, um conjunto de variáveis mantém um certo equilíbrio, uma forma de relações. Cada período representa, no centro do sistema, um conjunto coerente de formas de ação.

A divisão da história em períodos não é um fato, mas uma hipótese necessária ou uma ferramenta para o pensamento, válida até como uma forma de esclarecimento, tendo sua validade dependente da sua interpretação.

[...] empirizamos o tempo, tornando-o material e, desse modo, o assimilamos ao espaço, que não existe sem materialidade. A técnica entra aqui com um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma quantificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. (SANTOS, 1999, p.44)

A respeito da materialidade do espaço geográfico, passível de periodização, Souza (1994) afirma que

a geografia deve sempre se referir a realidades concretas. O texto e o contexto geográficos apresentam materialidades. A geografia trata da evidência do real-concreto, que é histórico, e tem sempre um lugar (sítio e situação) no espaço geográfico. Neste sentido, a teoria geográfica implica necessariamente uma referência empírica. Esta é, indiscutivelmente, um instrumental metodológico essencial da geografia. As abstrações, embora consideradas geográficas, carecem de referencial empírico (histórico), do qual se vale a geografia para explicar seu objeto - o espaço geográfico, que é também histórico [...] O teórico-empírico é atributo do método geográfico.

Assim, para Souza (1994, p.48), um período é entendido como “etapa ou momento do modo de produção, muito bem expresso pelas formações sociais, as quais sempre realizam, num dado lugar, a combinação de ideias e momentos distintos”. Uma periodização é uma possibilidade dada para o recorte metodológico do tempo, uma quebra da totalidade temporal em períodos, sem a perda das determinações/relações com a totalidade.

É preciso considerar os elementos dentro do sistema temporal ao qual pertencem, evitando apenas o elencar de datas históricas sem, contudo, chegar-se ao cerne do sistema temporal, que é a noção de totalidade ou conjunto de situações geográficas e históricas.

A sustentação de um período é dada pela organização e relações entre variáveis ao longo de uma seção temporal, onde as variáveis assumem graus múltiplos de relevância. A organização destas variáveis é que produzem um período e mantém suas características gerais, apesar do contínuo movimento da sociedade. Quando a organização se esgarça, o período finda e se inicia um novo período. O processo de ruptura de um período para outro é dado pela introdução de uma nova variável - técnica ou cultural.

O grande trunfo da periodização é a possibilidade metodológica de empiricizar em conjunto o tempo e o espaço (objetos e ações). A periodização permite apreender, a cada momento histórico, os conteúdos e os valores atribuídos pela sociedade e que qualificam a natureza e o espaço geográfico (cidade). Além disto, de acordo com Santos (1988, p.83),

um método assim elaborado e sistematicamente aplicado nos permitirá entrever igualmente as novas tendências do uso do território. [...] Essa noção de periodização é fundamental, porque nos permite definir e redefinir conceitos e, ao mesmo tempo, autoriza a empiricização do tempo e do espaço, em conjunto.

Para Sartre (1968, p.30), “os fatos particulares nada significam, não são verdadeiros nem falsos enquanto não forem referidos pela mediação de diferentes totalidades parciais à totalização em curso”. Sem o uso social da técnica, esta se resume a um mero artefato. O mesmo pode-se aplicar à Natureza, que separada, isolada, retirada do mundo social, perde todo o seu significado histórico, geográfico e social.

UMA PROPOSTA

Atrelada ao método e a metodologia desenvolvida, elaborou-se uma periodização sobre as ideias e conceitos de natureza, que se configurou em uma construção epistemológica e base teórica para o entendimento da apropriação e das relações entre a cidade e a natureza pelos empreendimentos imobiliários urbanos. A proposta tem como meta superar a história ‘ilusória’ que a ideologia insere nesta apropriação, conforme destacado anteriormente.

As fontes de informações para elaboração da referida periodização foram de referências bibliográficas da área de Filosofia da Natureza e Geografia. Salienta-se que esta proposta de periodização está restrita as ideias do mundo ocidental, não sendo detalhadas as contribuições do mundo oriental, islâmico ou pré-colombiano.

No primeiro período, o conhecimento sobre a Natureza era fruto da imaginação e contemplação, e ocorria através dos relatos heróicos dos “aventureiros”. Atrelava-se a ideia de natureza à concepção de um mito. No âmbito das cidades, estas ainda eram incipientes, sendo representadas pela cidade grega. O objeto fonte de interpretação será a própria natureza. O marco cultural do período na questão da

interpretação da natureza é a contribuição da cultura helênica, com suas histórias e épicos. Os gregos também apresentaram importantes contribuições científicas para o entendimento da natureza, não negando as contribuições dos egípcios, mesopotâmios e romanos. A principal ação do homem sobre a natureza é dada pela invenção e propagação das técnicas da irrigação, que permitiram o maior desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, propiciaram o incremento da produção de alimentos.

Quadro 01 - Esquema da periodização das ideias e conceitos de natureza para o mundo ocidental – uma tentativa

Momento	História	Período	Concepção de natureza	Representação da Natureza	Recursos Técnicos	Cultura	Aspecto dominante da relação homem-natureza
A Natureza e o Homem	Idade Antiga	Clássico	Mito	Literatura	Irrigação	Helênica	Contemplação
	Idade Média	Teológico	Divina	Bíblia	Arado	teológica	Temor
O Homem e a Natureza	Idade Moderna	Descobrimentos	Fisicoteológica	Pintura Xilogravuras	Caravela Balão	Marítima-comercial rural	Dominação
	Idade Contemporânea	Incorporação	Mecânica Recurso	Fotografia Litogravura	Automóvel Avião	Industrial	Incorporação
O Homem e o Território	Idade Contemporânea	Produção	Artifício	Imagem Orbital	Satélite	Urbana	Produção

Organização e Elaboração: Henrique, 2004

O segundo período vai ser marcado pela interpretação da Bíblia, objeto fonte do entendimento da natureza, denotando uma forte componente teológica da natureza. No âmbito das técnicas, o arado foi a grande revolução encontrada e, juntamente com a irrigação, aumentou a produção agrícola no período. Mesmo com este aparente desenvolvimento técnico, o temor à vontade de Deus irá prevalecer e a natureza, entendida como Sua obra, será dotada de valor divino. O mundo citadino será caracterizado pelas cidades feudais, protegidas pelas fortes muralhas e, desta forma, separada fisicamente da “natureza” – dos bosques, florestas etc.

A superação dos obstáculos físicos e intelectuais no entendimento da natureza se processou no terceiro período. As constantes viagens marítimas e comerciais ao longo do mundo conhecido e a descoberta de novas terras recuperaram e desenvolveram outros objetos para a compreensão/representação da natureza, como as pinturas e as xilogravuras, estas últimas difundidas com o advento da

imprensa. As técnicas atreladas aos transportes, como a caravela e o balão, ampliaram o horizonte da ação humana, sendo que as caravelas contribuíram para uma expansão horizontal do conhecimento humano e o balão permitiu que, pela primeira vez, o homem saísse das prisões que a superfície da Terra lhe impunha. As cidades, principalmente aquelas com função comercial, começam a se desenvolver em decorrência das rotas de comércio que se estabelecem. A retirada das muralhas da cidade feudal possibilita também um contato maior entre a cidade e a natureza. As ações humanas se concentraram na dissecação da natureza, no entendimento de suas partes, cada vez menores, atreladas às ideias mecanicistas e atomistas da natureza. Neste período há uma forte influência do “descobrimento da montanha”, ou seja, da conceituação da montanha, atrelada a uma “Alta Natureza”, pura e imaculada – coberta pela mais branca e limpa neve. Na montanha o homem chegava perto de Deus. Neste período, a ação do homem sobre a Natureza revela paralelamente uma preocupação com sua ordenação estética, grandes jardins românticos e parques florestais atrelados a uma beleza natural/paisagem. O ambientalismo era estético – para a nobreza e a burguesia

O quarto período significou uma mudança na relação dos homens com a natureza, passando a incorporar uma forte cultura industrial. As fotografias e as litogravuras permitiram um estudo à distância da natureza, mesmo contando com cada vez mais facilidades de deslocamento, como os automóveis e aviões. Este período será marcado pela incorporação da natureza à vida social, tanto em função das técnicas desenvolvidas e aperfeiçoadas quanto da cultura vigente. A natureza passa a ser entendida como recurso. As cidades passam a concentrar a crescente produção industrial, incluindo também a poluição decorrente desta atividade. A expansão das cidades e de alguns bairros mobilizava a população, atraindo a parcela mais rica para os locais com grande presença de elementos da natureza, principalmente, áreas verdes e lagos.

O quinto período (atual) é marcado por uma mudança radical na perspectiva do entendimento da relação do homem com a natureza, devido a sua total incorporação ao território usado, através das imagens orbitais que permitem o conhecimento de toda a superfície do planeta. A sociedade urbana se estabelece definitivamente e as técnicas atingem, desde a escala planetária até a escala da célula, com os satélites e a genética, respectivamente. Os homens, cada vez mais, se encontraram na qualidade de produtores da natureza, tornando-a um artifício, entendido aqui não no sentido de uma mentira, de algo falso, mas sim como resultado da produção humana. As cidades passam a concentrar a maior parte da população e a natureza passa a ser produzida nas cidades com o intuito de melhoria da qualidade de vida. Torna-se num forte atrativo de capitalização para os diversos agentes econômicos, inclusive no mercado imobiliário nas grandes cidades.

Quadro 02 - Caracterização e Evolução das Ideias ao longo dos Períodos

	Clássico	Teológico	Descobrimentos	Incorporação	produção
Origem das Ideias	Contemplação da natureza e início da atividade agrícola	Vida em função do cristianismo; construção de grandes catedrais.	Descobertas de novos territórios; descobertas científicas.	Desenvolvimento industrial; mecanização das forças da natureza	Desenvolvimento da Técnica e da Ciência; Urbanização
Principais Ideias	O homem com sua mão transforma a primeira natureza em uma natureza segunda	O homem deve conhecer a natureza para comprovar a existência de Deus	A ciência é a forma racional de dominação da natureza aos seus interesses	A Terra é o território do homem.	A natureza passa a se inserir nos interstícios da vida social.
Principais Exponentes	Marcus Túlio Cícero	Marsílio Ficino	Francis Bacon; Buffon	Karl Marx; Friedrich Engels; George Marsh; Elissée Reclus	Milton Santos; David Harvey
Obras de Referência	<i>De Natura Deorum</i>	Bíblia	<i>Novum organum</i> ; <i>Historia Natural</i>	O Capital; A Dialética da Natureza; Man & Nature: a new physical geography; O Homem e a Terra	A Natureza do Espaço; Spaces of Capital
Filosofia	Estoicismo	Teologia	Racionalismo Naturalismo	Dialética	Dialética

Organização e elaboração: Wendel Henrique, 2004.

NOTAS

⁶ Para Foucault (2000, p. 156), “uma periodização recorta na história um certo nível de acontecimentos e, inversamente, cada camada de acontecimentos pede sua periodização, uma vez que, segundo o nível que se escolha, dever-se-á delimitar periodizações diferentes e, segundo a periodização que se dê, atingir-se-á níveis diferentes”.